

# Ecoformação Artística: percurso coletivo de aprendizagens

*Artistic Eco-formation: collective path to learning*

ROSANA GONÇALVES DA SILVA\*

Artigo completo submetido a 21 de Abril de 2018 e aprovado a 9 de maio de 2018

\*Brasil, artista visual. AFILIAÇÃO: Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF). SQS 307/308 Sul, CEP 70.354.000, Brasília – Distrito Federal, Brasil. Email: supervisaoep308sul@gmail.com

**Resumo:** O texto apresenta noções sobre Ecoformação Artística, considerando alguns elementos da pesquisa intitulada AnElos eco-pedagógicos entre a Complexidade e a Carta da Terra: invenções criativas no cotidiano escolar. O percurso coletivo de aprendizagens compreendeu um processo formativo interativo baseado na Linguagem Poética e na Ecologia Humana, no Pensamento Complexo e nos princípios da Carta da Terra, articulando o cotidiano dos sujeitos aos processos formais de ensinar/aprender arte.

**Palavras chave:** Arte contemporânea / Ecoformação Artística / aprendizagem coletiva.

**Abstract:** *The text presents notions about Artistic Eco-formation, considering some of elements of a research titled AnElos (The study) Eco-pedagogical Expectations between Complexity and the Earth Charter: creative inventions in daily school. The path to collective learning comprised an interactive educational process based on Poetic Language and in Human Ecology, in Complex Thinking and the principles of the Earth Charter, coordinating the routine of individuals subject to the formal processes of teaching/learning art.*

**Keywords:** *Contemporary Art / Artistic Eco-formation / collective learning.*

## In-forma-ação

A intenção com a escrita deste texto é apresentar a noção contemporânea de Ecoformação Artística, considerando alguns elementos da Ecoformação-pesquisa intitulada AnElos ecopedagógicos entre a Complexidade e a Carta da Terra: invenções criativas no cotidiano escolar (Silva, 2016). A experiência aqui apresentada foi desenvolvida com professoras e estudantes dos anos iniciais, na faixa etária de 04 a 12 anos de uma escola pública de ensino fundamental situada em Brasília –Distrito Federal, Brasil.

Para a realização da Ecoformação-pesquisa foi desenvolvido um processo por meio de oficinas ecopedagógicas, constituindo um percurso criativo a partir das experiências em linguagem visual na forma de desenhos, pinturas, colagens, criação de objetos e criação de espaços ético-estético-ecológicos, como busca meditativa dos temas culturais e ecológicos.

Assim, pudemos fazer uma aliança significativa entre as imagens, as palavras e as ações. Os roteiros das oficinas foram referenciados nos princípios da Carta da Terra (Gadotti, 2010) e no Método da Complexidade (Morin, 1997). A Carta da Terra pertence ao gênero narrativo e, portanto, resgata dimensões afetivas com o ser a que nos correspondemos, amplia nosso conhecimento do outro e alimenta nosso imaginário de modo a criar uma pluralidade de ações que abrigam as múltiplas dimensões humanas. Já o Método nos oferece perspectivas de produção de conhecimento diferenciadas ao entrelaçar as esferas física, biológica e antropossociológica. Na ecoformação-pesquisa consideramos a Escola como um nicho ecológico local e, portanto, um ecossistema capaz de reorganizar os tempos/espacos da aprendizagem coletiva.

### 1. Ecoformação: caminhos possíveis para ensinar/aprender arte

Os percursos em Arte/Educação nos colocam uma multiplicidade de caminhos, olhares e experiências, envolvendo o ensino das artes visuais em diversos ambientes educativos e de investigação. Deste modo, as teorias e as metodologias podem ser constantemente revisitadas, articulando o cotidiano dos sujeitos aos processos formais de ensinar/aprender arte. A ação educativa passa a ser um lugar de troca entre os sujeitos das aprendizagens, instituindo a produção coletiva de conhecimento, assumindo a ecoformação como caminho.

A autoformação que é um componente da formação considerado como um processo tripolar (Pineau, 1992), pilotado por três dimensões: o si (autoformação) em sua natureza individual; os outros humanos (heteroformação), dos ambientes e das coisas (ecoformação). É uma ligação que favorece a dobra interno<>externo que reconhece as diversas fontes na trama de produção cole-

tiva de conhecimento e que dá sentido ao vivido e à formação humana. Portanto, emerge a possibilidade de uma ação em Arte/Educação que contempla os conceitos: “razão sensível” (Maffesoli, 1998) e a “estética: estar juntos” (Maffesoli, 2010), além de oportunizar poéticas<>estudo<>relações. Conhecer passa a ter um sentido de fissura, de soltura, de tessitura comum e de atualização, em constante processo de “autorização” no percurso criativo, ou seja:

*A intenção e a capacidade conquistada de tornar-se a si mesmo seu próprio co-autor, de querer se situar explicitamente na origem de seus atos e, por conseguinte, dele mesmo enquanto sujeito (Ardoino, 1998: 28).*

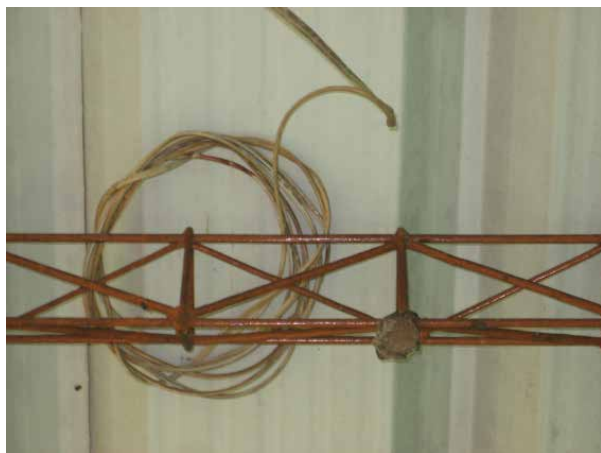
Trabalhar com a noção de autorização em processos educativos favorece o reconhecimento do papel da linguagem poética na formação humana. O estado inicial de criação, os percursos de observação dos ambientes, as ações de intervenção estão articulados à noção de ecoformação e se enriquecem com os princípios da ecologia humana. (Figura 1)

Ao caminhar pela escola e se deparar com os resultados da intervenção humana no ambiente natural, é possível também, encontrar formas, cores, texturas, superfícies e suportes para fazer arte. Esse caminhar proporciona o estado relacional, em que afloram a subjetividade e intersubjetividade. O percurso é nutrido pela Ecologia Humana que é “um ponto de encontro entre as ciências humanas”, em que a dimensão estética emerge como a relação criativa e insurgente, como nos inspira Vera Catalão (2008).

Assim, o papel da linguagem poética foi pensado a partir das expressões da arte que sempre permearam o trabalho realizado e o discurso nos caminhos da ecoformação, como um passo importante na “reparadigmatização” (Morin, 1999:351).

A complexidade nos faz pensar que “não podemos distinguir com nitidez e clareza aquilo que separa e aquilo que opõe autos e oikos”. A interação do Método da Complexidade com a Carta da Terra participa desse caminhar para pensar a organização viva “para conceber a autonomia e a liberdade, igualmente a incerteza” e, sobretudo, “para compreender o indivíduo; o ambiente; o observador-conceptor; a própria vida” (Morin, 1999:352-3). Uma compreensão de linguagem poética mais refinada vai surgindo com a compreensão da reparadigmatização.

Outros passos seguem no sentido de ampliar os campos de sentido onde interagem o imaginário, a cognição, a corporeidade, a estética, a ética, entre outros, fortalecendo o saber ser e o saber conviver. Todas essas relações no desabrochar da sensibilidade como um circuito aberto, que nos permite viver o



**Figura 1** · Intervenção humana. Reconhecimento e registro de formas no ambiente escolar. Fotografia. Brasília, outono de 2014. Fonte: própria.

**Figura 2** · O céu de Ana Clara. Desenho sobre camurça criado após a vivência no Planetário. Brasília, outono de 2014. Fonte: própria.

espaço das relações, interações e retroações, articulando as multidimensões do humano. Uma volta na espiral para mim foi perceber que estamos diante não apenas de ações pertinentes à estética artística, mas diante também de uma cadeia de elementos físicos, biológicos, sociais, políticos, mitológicos, simbólicos e até cósmicos. É a contextualização a partir desses elementos que, inevitavelmente, ajudará a fomentar a postura sensível e crítica do sujeito em processo educativo. Essas interações possuem uma interface com as estruturas social, política, econômica no nível de realidade antropossocial, que por sua vez, estão enraizadas nas relações ecossistêmicas, no nível biológico.

*A contextualização agirá como elemento potencializador da percepção e instigará diálogos como uma das essências geradoras da contribuição artística, expressa nas interações ecológicas naturais e construídas (Andrade, 2006:23).*

Assim, a ideia de *poiésis* nos traz a possibilidade de que todo ser humano é capaz de criar e de atribuir criatividade ao seu cotidiano. A partir do “conceito biológico de sujeito” tornou-se possível refletir mais sobre a capacidade mencionada, pois a noção de sujeito para Morin (1997:254), “compreende a definição multidimensional (simultaneamente organizacional, lógica ontológica, existencial), pode e deve ser generalizada a todos os níveis de individualidade que se constituíram no universo vivo”. Para o autor “isso significa que o sujeito não é um conceito fechado ou transcendente”.

Reabilitar o sujeito na produção do conhecimento é uma atitude preconizada no Método da Complexidade e tomada como um dos princípios em toda a Ecoformação-pesquisa. Essa é uma outra volta na espiral para continuar com a concepção da noção de linguagem poética, pois aqui se evidencia um elo com a ecologia humana em que a capacidade de criação e intervenção no ambiente é uma relação constituída pela capacidade de auto-organização do vivo. O processo de auto-organização pode nos levar à concepção de novas formas, novos olhares e à renovação do cotidiano escolar, em que a criatividade, que é própria dos sistemas vivos, constitui o elo fundante e fecundo da auto-organização do sujeito, pois, “quando saímos do equilíbrio e deixamos o universal para trás”, nós podemos cair “no único, na fertilidade e na variedade”, já dizia Capra (1996:182) “algo não pode acontecer porque não aconteceu antes”. Bem, coisas novas podem surgir o tempo todo.

As formas de dizer sobre o cotidiano, a vida, a formação humana, a ciência, a arte, a produção de conhecimento levam a um pensamento de “reversibilidade” como processo de ida-e-volta entre os autores e atores do processo formativo, con-

forme compartilha Apolline Torregrosa (2012). Vivemos as dobras da nossa existência ao tomar consciência das emoções e das razões que produzem conhecimento coletivo e sensível no cotidiano, um dos princípios da ecoformação artística.

## 2. Travessias no cotiano

A Escola Classe Granja do Torto, situada em Brasília — Brasil, foi o ambiente das interações vividas durante a ecoformação-pesquisa. As oficinas ecopedagógicas realizadas funcionaram como um espaço de convivialidade, em que as expressões criativas e simbólicas fecundaram um processo para os sentidos e significados, uma abertura epistemológica qualitativa para ampliar a nossa compreensão das complexidades na relação sujeito-objeto. Foram realizados 18 encontros (1 encontro semanal), durante 03 meses com as professoras e as crianças entre 04 e 12 anos. (Figura 2)

As atividades foram organizadas em três macroestratégias, considerando a articulação das esferas física< >biológica< >antropossociológica proposta no Método I (Morin, 1997: 14). A esfera física teve uma visita ao planetário como macroestratégia. A esfera biológica teve o cultivo ecológico, plantio de hortas e de árvores, a relação com as sementes, um espaço de observação dos ciclos da vida. A esfera cultural articulou as reflexões sobre a vida, a ideia de cultivar a natureza e outras formas de intervenção humana no ambiente. Deste modo, trabalhamos com materiais expressivos disponíveis no ambiente escolar, desenvolvendo desenhos, pinturas e criando objetos. Também, como resultado da intervenção no ambiente, nós criamos espaços educativos como a espiral de ervas e um Memorial do Guapuruvu, a partir de uma imensa árvore morta no quintal da escola. A ação de transformar a madeira em um espaço educativo ao ar livre, intervindo no ambiente de forma estética e ecológica, ressignificou a relação das crianças e das professoras com o ambiente escolar. Trabalhamos juntos a definição e a escolha dos princípios do Método da Complexidade, que fundamentaram as macroestratégias, as atividades e a linguagem poética correspondente. As atividades foram articuladas à Carta da Terra.

*O projeto Carta da Terra inspira-se em uma variedade de fontes, incluindo a ecologia, as tradições religiosas, a literatura sobre ética global, o meio ambiente e o desenvolvimento, a experiência prática dos povos que vivem de maneira sustentada [...] considera as pessoas, as culturas, os modos de viver, o respeito à identidade e à diversidade. Considera o ser humano em movimento, como ser 'incompleto e inacabado', como diz Paulo Freire (1997), em permanente formação, interagindo com os outros e com o mundo (Gadotti, 2010: 13,15-6).*

Desse movimento de integração, para completar as estratégias utilizadas, a dimensão corporal esteve presente em quase todos os encontros e foi articulada ao conteúdo trabalhado. A ideia foi retomar a dimensão do corpo no trato pedagógico como parte integrante e essencial no processo formativo, considerando que: (Figura 3)

*O corpo em movimento reorganiza o ser vivente como um todo, assim podemos entender a afirmação de Merleau Ponty de que a percepção emerge da motricidade e que por princípio, toda percepção é ação, o que mais tarde será retomado por Humberto Maturana, quando diz que as ações são operações de um sistema vivo presente no mundo. Assim, andar, olhar, pensar, falar, ter uma experiência espiritual são ações do ser humano em relação no mundo (Catalão, 2011:78)*

Houve a participação artistas e agentes culturais com intervenções. Essa convivência nos apresentou a relação interno-externo, proporcionando o acesso às diferentes linguagens da arte e foi outra estratégia incorporada à formação. Eu percebo nessa convivência a conexão de “alunos e educadores através de redes de interação e relacionamento que desenvolvam conhecimento compartilhado” (Gadotti, 2010:95). Essa foi a trilha para experimentar estratégias metodológicas baseadas nos pressupostos da transversalidade, da transdisciplinaridade que compuseram as oficinas ecopedagógicas. A Ecopedagogia instaura o espaço de aprendizagem em um sentido amplo e significativo, envolvendo o ato educativo em sua integralidade. Para tanto, necessitamos de intervenções pedagógicas efetivas. Necessitamos criar espaços para promover a aprendizagem de “envolver-nos no processo de compreensão, apropriação e expressão do mundo” e promover práticas educativas que “tornem possível o desenvolvimento de nossas próprias capacidades” (Gutiérrez; Prado, 2002:94).

Um roteiro para as oficinas foi criado, considerando os elementos: corporeidade; rodas de conversa; momento de criação/linguagem poética — envolvendo a abordagem conceitual, técnica e a expressão artística dos sujeitos envolvidos; ensaio poético — planejamento coletivo da ação para contemplar a participação das crianças. Trabalhamos o planejamento como um ato dialógico e humanizador, na perspectiva de integrar a escola à realidade local e construir sentido para o caminhar da comunidade escolar, reiterando a natureza plural e democrática da escola, conforme o olhar de Caria (2011:107 et. seq.). (Figura 4)

Os elementos foram articulados conforme o tema-conteúdo envolvido em cada encontro. Assim, pudemos experimentar uma diversidade de estratégias formativas ao conferir singularidade a cada encontro. O diferencial do curso de formação foi a participação das crianças. O aprendizado vivencial pela Car-





**Figura 3** · Brincando com o elemento Terra.  
Atividade com a participação do Coletivo Sete Saberes. Fotografia. Brasília, outono de 2014.  
Fonte: própria.

**Figura 4** · Espiral: cor e forma da natureza.  
Experimento com suporte e materiais alternativos encontrados no ambiente escolar. Obra coletiva criada por crianças com 4 anos de idade. Brasília, outono de 2014. Fonte: própria.



ta da Terra pode ser mobilizado pelo objetivo educacional que inclui o uso de “processos educacionais flexíveis e contextualizados”. Esses processos devem oferecer “experiências e reflexões que estejam fortemente relacionadas e enraizadas na realidade contextual dos alunos. Tais processos devem envolver diretamente os alunos e abordar suas prioridades o máximo possível” (Gadotti, 2010:95). Promover a participação da criança em uma ecoformação-pesquisa significa um aprendizado que coopera com as noções de ética e estética na escola, colaborando com o desenvolvimento da cidadania, agregando tais noções ao relacionamento do ser humano consigo mesmo, com outros seres e à indissociabilidade da relação natureza-cultura. Deste modo, trata-se de promover princípios fundamentais da ecoformação artística.

### **Circulações**

O processo desenvolvido articulou a expressão criativa à uma estética compartilhada, em que o sujeito se autoriza a mostrar sua singularidade, a dimensão criativa que fortaleça a formação humana, pois esta habita entre o sujeito e suas camadas mais profundas de expressão, compreendendo a arte como expressão que pode ser vivida na vida cotidiana. O desafio foi pensar a escola, o professor, os estudantes e o conhecimento em arte, bem como, a partir da ecoformação artística instituir no ambiente escolar a perspectiva contemporânea das aprendizagens no/com o coletivo.

A experiência atravessou campos de conhecimento distintos, as expressões artísticas e os conhecimentos científicos e tradicionais. Considero que uma pesquisa ecoformativa no âmbito da complexidade e da transdisciplinaridade nos capacita a pensar materialidades simbólicas e seus estados de configuração na matéria. Os materiais expressivos disponíveis no ambiente escolar possibilitaram uma relação orgânica e rica em possibilidades expressivas, ampliando não só as habilidades técnicas, sobretudo, aprofundando as relações com o cotidiano na produção coletiva de conhecimento. As ações de intervenção no território da escola, de forma estética e ecológica, ressignificou a relação das crianças e das professoras com o ambiente escolar.

## Referências

- Andrade, Fabrício. (2006). *Arte-educação: emoção e racionalidade*. São Paulo. SP: Annablume editora, ISBN: 85-7419-609-6
- Ardoino, J. (1998). "Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e Formativas". In Barbosa, J.G. (org.), *Multirreferencialidade nas Ciências e na Educação*, São Carlos: UFSCar, ISBN-13 978-8585173333
- Capra, Fritjof. (1996). *A teia da vida uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, ISBN 978-85-316-0556-7
- Caria, Alcir de Souza. (2011). *Projeto Político-Pedagógico: em Busca de Novos Sentidos*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, ISBN 978-85-61910-79-2
- Catalão, V.M.L (2011 jul/dez), "A redescoberta do pertencimento à natureza por uma cultura da corporeidade". *Revista Terceiro Incluído*, NUPEAT-UFG, nº2 p. 74-81. ISSN 2237-079X
- Catalão, V. L. (2008). "Sustentabilidade e educação: uma relação polissêmica". *Desenvolvimento, Justiça e Meio Ambiente*. In Pádua, José Augusto (Org.) São Paulo: Peirópolis,
- Gadotti, Moacir. (2010). *A Carta da Terra na Educação*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire,— (Educação Cidadã; 3). ISBN 978-85-61910-41-9
- Gutiérrez, Francisco; Prado, Cruz. 2002. *Ecopedagogia e Cidadania Planetária*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, ISBN: 9788524907104
- Maffesoli, Michel. (2010). *O Conhecimento Comum: introdução à sociologia compreensiva*. Traduzido por Aluizio Ramos Trinta. Porto Alegre: Sulina, ISBN 978-85-205-0473-4
- Maffesoli, Michel. (1998). *Elogio da Razão Sensível*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, ISBN 85.326.2078-7
- Morin, Edgar. (1999). *O Método Vol. II: A Vida da Vida*. Lisboa: Publicações Europa-América, 3ª Edição ISBN 9789721028449
- Morin, Edgar. (1997). *O Método. Vol. I: A Natureza da Natureza*. Lisboa: Publicações Europa-América, 3ª Edição ISBN 972-1-01428-1
- Pineau, Gaston (Org.). (1992). *De l'air — essai sur l'écoformation*. Paris: Edition Paideia, ISBN 978-2-343-06814-5
- Silva, Rosana G. (2016). *Anelos ecopedagógicos entre a complexidade e a carta da terra: invenções criativas no cotidiano escolar*. Tese de Doutorado, Brasília: Universidade de Brasília — Faculdade de Educação.
- Torregrosa, Apolline. (2012). «Réversibilité de l'éducation: de la raison à la résonance.» *Sociétés Revue des sciences humaines et sociales*. Bruxelles -Belgique. Éditeur: De Boeck Supérieur,. p. 17-25. ISSN 0765-3697. ISBN 978-2-8041-7592-4.